Laure Prouvost

Uma artista a derreter-se em Lisboa

Como um polvo, seu animal de eleição, é uma artista com oito braços. Em Lisboa, na sua primeira individual em Portugal, derrete-se em várias linguagens. A Kunsthalle Lissabon volta à programação com um dos nomes francesas com mais visibilidade da actualidade. *Il faut show!*

Isabel Salema (texto)
Nuno Ferreira Santos (fotografia)

Sorridente, muito performativa, Laure Prouvost imita uns movimentos de um polvo, neste caso uma fêmea, para a reportagem fotográfica do Ípsilon, enquanto sobre ela se projectam as imagens do vídeo

Cheira a mar, cheira a peixe. Os sentidos estão alerta porque é preciso descer devagarinho para chegar à cave da Kunsthalle Lissabon. Temos que nos esgueirar por uma abertura que não ultrapassa um metro de altura para entrar na primeira exposição individual em Portugal de Laure Prouvost, a artista que representou a França na última Bienal de Arte de Veneza, um dos pavilhões nacionais mais comentados.

Com os pés bem firmes no chão para não escorregarmos num pavimento coberto por dois litros de tinta de choco, descobrimos que a instalação de Prouvost transformou em gruta de um polvo o pequeno espaço alternativo de Lisboa, agora de regresso à programação depois de um hiato de um ano. Não é por acaso que a francesa, 42 anos, tem como animal *fétiche* este molusco da família dos cefalópodes, um mestre do disfarce que esconde na sua anatomia uma bolsa de tinta preta.

Mesmo com a exposição, que inaugurou na semana passada, ainda em processo de montagem, dá para ver que o ambiente imersivo criado pela instalação de Lisboa é muito mais escuro e sujo do que o de Veneza, como nota a artista, mesmo que ambas as instalações explorem o polvo como metáfora de um universo artístico que é ele próprio tentacular, sem predomínio de nenhuma linguagem artística. "O meu trabalho é muito orgânico, físico, mas também é uma narrativa que se vai desenvolvendo. Nunca é um projecto completamente novo. A narrativa estende-se da história da minha família à ansiedade global perante o estado do planeta. As questões vão do muito pequeno ao muito grande."

A conversa com a artista começa à volta de uma chávena de chá com um cheirinho a alecrim, a que os romanos chamavam "*rosmarinus*" e que os dicionários de latim traduzem como "orvalho do mar". Talvez seja mera coincidência esta identidade marítima da planta de cheiro, mas os jogos de linguagem são fundamentais para perceber o trabalho de Laure Prouvost.

Sorridente, absolutamente performativa, é ela que nos interpela com a clássica pergunta "*Do you want tea?*", evocação do *Wantee* que serviu de título à exposição que lhe deu o Prémio Turner em 2013: um trabalho que revelava a influência de um artista como Kurt Schwitters (1887-1948), nomeadamente no uso da linguagem, e também a ironia de uma francesa à volta da obsessão inglesa com o chá. Wantee foi o diminutivo que o artista alemão deu à sua mulher, constantemente a perguntar-lhe se queria chá.

Saquinhos de chá, chávenas de chá, serviços inteiros de cerâmica, tomates, clementinas, pedras, arbustos, vários objectos do dia-a-dia, do natural ao artificial, tudo pode ser encontrado nas instalações da artista. O trabalho de Prouvost, como explica um texto da Kunsthalle Lissabon que acompanha a exposição, cria ambientes surreais através do uso de vídeo, som, instalação e performance, fundindo sonho e realidade, memórias ancestrais e experiências multi-sensoriais do visitante.

Flutuam píxeis neste chão líquido, píxeis tentaculares que reclamam este mundo subterrâneo, criando dobras *à la* Gilles Deleuze. O vídeo de oito minutos em que mergulhamos na cave, por exemplo, é-nos apresentado como tendo uma duração de 480.000 mili-segundos e datado de 2023. Na exposição de Lisboa, poderá eventualmente reemergir o seu famoso Grandad, um artista conceptual amigo de Schwitters que desapareceu há 20 anos a tentar escavar um túnel até África. "Trabalho muito com o espaço e aqui não tenho de cavar, porque o túnel já está lá", comenta Prouvost, que resiste a explicar todas as camadas da sua obra.

Este Grandad artista, que é ▶

e

"O meu trabalho é muito orgânico, físico, mas também é uma narrativa que se vai desenvolvendo. Nunca é um projecto completamente novo. A narrativa estende-se da história da minha família à ansiedade global perante o estado do planeta"

▶ um pouco patriarcal, tal como Kurt Schwitters (veja-se a alcunha que deu à mulher), continua desaparecido e a preocupar a Grandma, que noutras exposições da artista tem mostrado vontade de lhe dedicar um museu para recordar como "ele era fantástico". Mas nem sempre Laure Prouvost usa personagens para conceber as exposições e esta, lembra, não tem a ambição nem levanta os mesmos problemas que uma representação nacional na Bienal de Veneza: "Por vezes, a personagem é o visitante. Pode ser o principal protagonista. Mas também pode ser uma flor. Depende."

Cavar, ir cada vez mais fundo, é uma crítica, nesta sociedade líquida descrita por Zygmunt Bauman, contra a superfície, contra a superficialidade. "Nada é certo. O trabalho evolui. Mostro-o de uma forma aqui e de outra completamente diferente noutro espaço. Talvez a minha Grandma apareça em Lisboa e decida que as coisas não devem ser assim. Talvez diga que é preciso fazer umas tapeçarias e as pendure nas paredes. Gosto dessa ideia de perder o controlo."

Mas enquanto se luta contra a superficialidade numa sociedade que vive numa sopa de informação – "*keep digging, keep digging, deeper and deeper*" –, Laure Prouvost gosta, paradoxalmente, de explorar erros de comunicação, trocadilhos, onomatopeias, aliterações. "Aqui, provavelmente, reside o dilema que muitos artistas da geração de Prouvost enfrentam: como encontrar profundidade na superfície e vice-versa? No trabalho de Prouvost, artifício e natureza sobrepõem-se constantemente e trocam de lugar, tal como a distância e proximidade parecem interpenetrar-se: o banal torna-se lunar e maravilhoso, enquanto o fantástico se torna quotidiano", escreveu no catálogo do pavilhão francês o italiano Massimiliano Gioni, curador da 55.ª Bienal de Veneza.

"As palavras são uma coisa com que lutei muito em criança: ler, escrever, encontrar um sentido. Depois, tornou-se um jogo, um divertimento e agora posso usá-las para questionar algo"

Além de novas palavras como *Wantee*, a artista cria também frases como "*Melting into one another ho hot chaud it heating dip*", o título *nonsense* da exposição de Lisboa que mistura inglês e francês. Este "franglês" revela-se igualmente em obras como *L'Aube's cure Parle Ment*, que se pode ouvir como "Parlamento Obscuro" (em inglês) ou alguém que "fala" e "mente" (em francês). Massimiliano Gioni explica que Prouvost transforma a nossa obsessão com a comunicação numa espécie de *readymades* linguísticos. "Ela usa as palavras e a linguagem como objectos-encontrados, remontando-os em narrativas que celebram e parodiam a hipercomunicação da sociedade contemporânea."

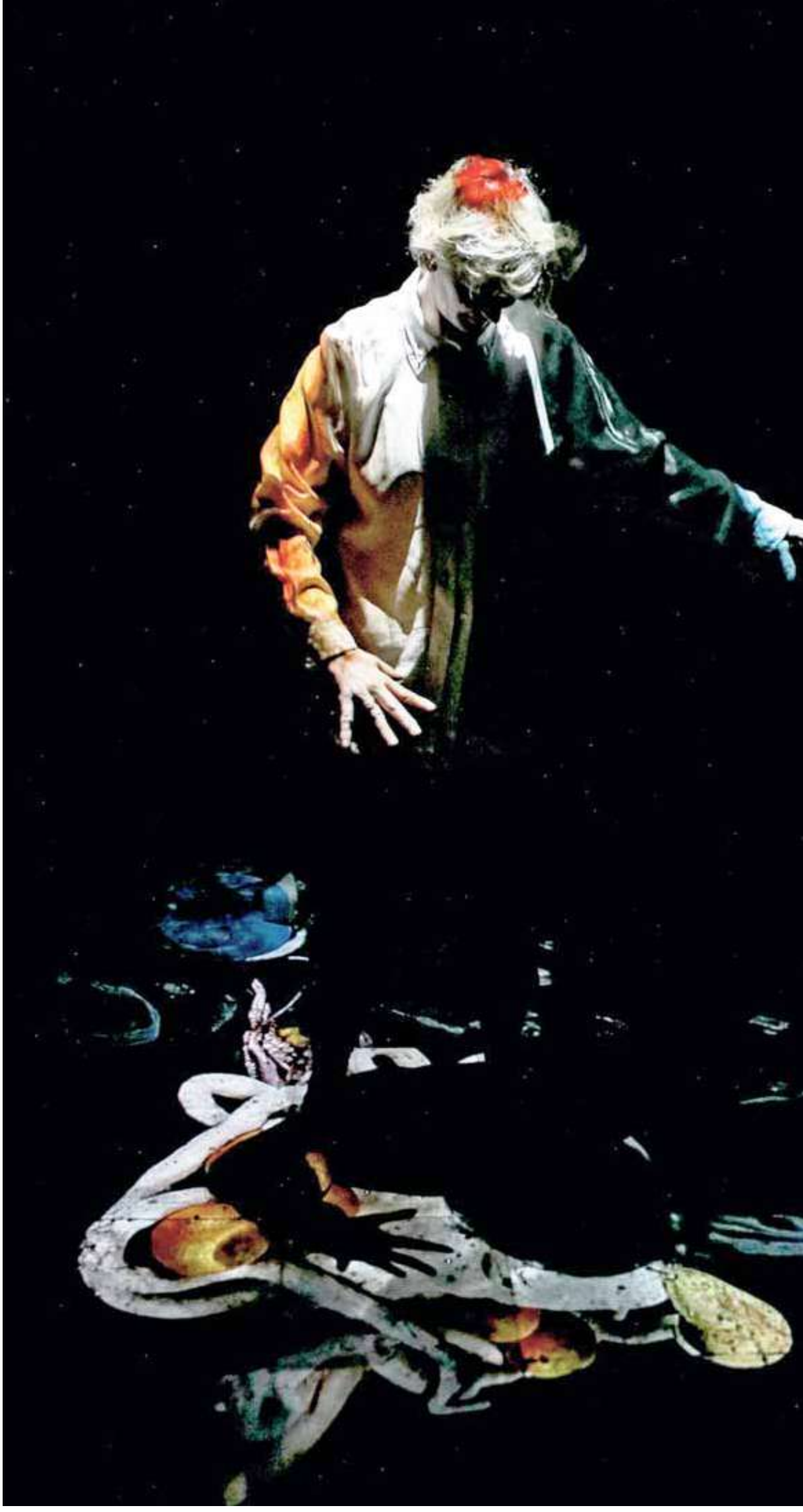
As palavras podem surgir sussurradas pela voz da artista ou inscritas em todo o tipo de meios, do vídeo às esculturas, passando pelas tapeçarias da sua famosa mas discreta Grandma. Fundamentais na sua obra, reconhece a artista, as palavras podem aparecer também com grafias erradas. "São, definitivamente, um material como o barro. Os sons e as palavras ganham novos significados lado a lado", explica. Podem derreter-se uns nos outros, com diz o título da exposição de Lisboa, porque está "*chaud*/calor", mas também porque este "*show*/exposição" pode ser "*hot*/quente". A superfície também pode ter a sua profundidade, como nos ensina *Alice no País das Maravilhas*, numa leitura novamente deleuziana.

"As palavras são uma coisa com que lutei muito em criança: ler, escrever, encontrar um sentido. Depois, tornou-se um jogo, um divertimento e agora posso usá-las para questionar algo – como é que podemos inventar coisas novas que não são *standard*? Precisamos da imaginação para nos libertarmos de todos os sistemas que controlam a nossa vida, como o político. Precisamos de nos envolver, mas também de manter alguma capacidade para brincar."

Antes de tudo, Laure Prouvost, actualmente a viver Antuérpia (Bélgica), é uma tradutora que gosta igualmente de todas as linguagens, de todas as línguas. "Gosto de traduzir coisas em medias diferentes. Esta performance pode transformar-se num vídeo? Como é que se traduz o cheiro de gasolina numa imagem? Ou de uma flor?", pergunta, sentada cá fora na berma do passeio, onde pediu para a entrevista decorrer, para poder gozar o sol da cidade.

"*Il fait chaud*!", diz a exposição. Mas também podemos ouvir "Bu! Bu!" se abrirmos a porta errada. Ou um iPhone a seduzir uma clementina.

"É tudo sobre o despertar dos sentidos e sobre a mudança de sensações. É algo com que gosto de trabalhar", comenta, porque uma tradução, que abre sempre uma



Antes de tudo, Laure Prouvost, actualmente a viver Antuérpia (Bélgica), é uma tradutora que gosta igualmente de todas as linguagens, de todas as línguas

possibilidade, um espaço, pode ser um veículo para o subconsciente.

O polvo, tão central em Veneza como aqui, pensa ao mesmo tempo que sente, sente ao mesmo tempo que pensa, defende a artista. Surge na sua obra em 2011, pendurado em toda a sua animalidade viscosa numa parede de uma galeria londrina. Mas Prouvost diz-nos que terá estado sempre adormecido na sua obra, inconscientemente, desde que trabalhou como assistente do artista britânico John Latham, logo que saiu da universidade. "Ele fez aqueles desenhos maravilhosos, *One Second Drawings*, em que a tinta espalhada é quase como [um desenho feito por] um polvo. Só realizei agora, mas há influências que são, de facto, subconscientes." Importante para a pesquisa surrealista, de que Prouvost é vista como legítima herdeira, é esta ideia de deixar que o inconsciente se exprima, misturando memórias próprias, colectivas, dando origem a histórias estranhas, na volátil e evanescente fronteira entre o fantástico e o real.

O polvo, que vem das profundezas do mar, é símbolo desta viagem ao inconsciente colectivo, mergulho na origem do planeta e de nós próprios, questionando-nos de onde vimos mas também para onde vamos. "O que é fantástico no polvo é que tem o cérebro espalhado por aqueles braços todos. Nós, muitas vezes, usamos o nosso cérebro para controlar os sentidos, mas essa característica do polvo, que é cerebral e sensorial ao mesmo tempo, é uma coisa pela qual sinto grande atracção como artista. Trabalho muito sobre este tema: como é que posso tocar, sentir e pensar ao mesmo tempo?" Para Laure Prouvost, continua Massimiliano Gioni, os pensamentos formam-se na boca.

De volta à cave do polvo, Laure Prouvost coloca-se no centro do vídeo projectado no chão, imitando o polvo que nos quer tocar com os seus tentáculos em constante movimento. Nós também vamos poder "tocar" no polvo, manipulando as pequenas esculturas-pífaros que fazem parte da exposição e que figuram tentáculos mas também partes de corpos femininos nus. "O polvo também tem os seus momentos em que fica um pouco excitado, com todos aqueles braços também se torna um pouco sexual. Mas estou mais a falar de desejo, porque cada vez nos estamos a afastar mais dos nossos corpos."

A figuração de mamas, que também aparece nas esculturas feitas em vidro de Murano para Veneza ou em pinturas anteriores, fala de uma necessidade de regressar ao corpo, mas também da história de arte deste século que deu um lugar mais visível às mulheres-artistas e tornou-se menos patriarcal. "Eu não quero estar num lugar de mestre, mas num lugar de troca. O Grandad era um bocado patriarcal, como o seu ego de mestre artista."

Outra das camadas destas esculturas em vidro de Murano, como *Cooling System (for global warming)*, "é também a liquidez a tornar-se sólida", continua a artista. Talvez seja a sociedade fluida descrita por Zygmunt Bauman a encontrar um conjunto de valores e soluções mais sólidos para o aquecimento global.

Com a sua figura de *femme-enfant*, "há dias em que estou a ficar muito mais nova, há dias em que estou a ficar muito mais nova", Laure Prouvost lembra uma artista como Paula Rego, com as suas histórias inspiradas nos contos tradicionais, que misturam igualmente ficção e realidade, histórias de sabor surreal onde a infância serve também para falar de um inconsciente colectivo, de traumas pessoais e de temas actuais como a condição feminina. Fios de Ariana, à disposição do visitante protagonista, que na Laure Prouvost lisboeta também fazem um curto-circuito entre *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e o Antropoceno, a tentar arranjar um sistema de arrefecimento para o aquecimento global. "Na minha geração, estamos todos conscientemente mais ecológicos. Como artista, que teve claramente a oportunidade de expor em muitos sítios diferentes, sinto claramente a culpa de viajar, tal como a alegria de viajar. Estamos conscientes da velocidade das coisas, do nosso consumismo. Faz parte do trabalho, mas não é o tema único."

A exposição de Lisboa, começou Laure Prouvost por explicar no início da conversa, é também a história da amizade com João Mourão e Luís Silva, directores da Kunsthalle Lisbon de uma artista que já expôs, entre outros lugares, no Palais de Tokyo (Paris, 2018), no Walker Art Center (Minneapolis, 2017), no Pirelli Hangar Bicocca (Milão, 2016), na Haus der Kunst (Munique, 2015) ou no New Museum (em Nova Iorque, 2014).

A artista toca um dos instrumentos musicais que fez para a exposição de Lisboa, uma escultura-pífaro exectuada em vidro

A licença sabática da Kunsthalle Lissabon

Os directores Luís Silva e João Mourão voltam à programação depois de terem emprestado o espaço durante um ano a quatro instituições internacionais.

Porque é que decidiram fazer este hiato?
Luís Silva – Decidimos comemorar o décimo aniversário da Kunsthalle Lissabon desaparecendo, simplesmente, do panorama artístico da cidade. A Lisboa que foi propícia ao aparecimento do projecto em 2009 tem muito pouco em comum com a Lisboa gentrificada e turistificada de 2019. Queríamos reflectir sobre a responsabilidade que, eventualmente, tivemos no desenvolvimento desse processo e o papel crítico que podemos ter no pensamento de outras formas de imaginar a posição da arte contemporânea hoje.

Como é que escolheram as instituições com que colaboraram nesse interregno?
João Mourão – Escolhemos quatro parceiras de caminho. Com o ICA Philadelphia, por exemplo, colaborámos num *think tank* sobre pensamento e prática institucionais intitulado *I is for Institute*. Estivemos em residência em Filadélfia, onde apresentámos o trabalho de Mariana Caló e Francisco Queimadela. O convite não foi pensado enquanto colaboração, mas como a ocupação do espaço que ficaria vago com o nosso desaparecimento. Não apenas o espaço, mas também a nossa infraestrutura de produção e de comunicação. Foi como se cada uma destas quatro instituições abrisse uma versão pop-up de si própria em Lisboa. A noção de hospitalidade sempre foi um dos pilares centrais do nosso pensamento institucional e, para o décimo aniversário, quisemos levá-la ao extremo.

O que é que aprenderam com este acolhimento?
Luís Silva – Aprendemos que o diálogo é uma força extremamente produtiva. Que existem modos muito diferentes de operar e de se relacionar com o contexto em que uma instituição se encontra, apesar do resultado parecer ser o mesmo. Aprendemos que, contrariamente ao que começávamos a acreditar, a Kunsthalle Lissabon faz falta no contexto da cidade de Lisboa. E fomos relembrados ao longo do ano que gostamos muito de fazer curadoria de exposições individuais, de estar e trabalhar directamente com os artistas, e que não queremos abdicar disso.

Como é que pensam a vossa função nos próximos dez anos?
João Mourão – O ano sabático funcionou também para pensarmos o papel que podemos ocupar não só numa cidade como Lisboa mas também num contexto mais internacional de uma rede de pequenas instituições dedicadas à arte contemporânea.

Interessa-nos continuar a mostrar em Lisboa artistas que nunca expuseram em Portugal. Depois queremos, de forma mais programática, contrariar uma narrativa da arte contemporânea que é heteronormativa, branca e patriarcal. Continuaremos a mostrar mais mulheres que homens, teremos artistas transgénero ou não-binários e queremos expandir a nossa pesquisa para além do eixo do Atlântico Norte.

Queremos continuar a mostrar que o trabalho realizado a partir de uma pequena instituição é tão, se não mais relevante, que o de um grande museu, que conseguimos fazer um trabalho de relevância internacional, com artistas de topo, como a Laure Prouvost que inaugurámos agora. Queremos insistir que um ecossistema com pequenas instituições é mais saudável e que precisamos de mais companheiros locais. **I.S.**